

MEMENTO - Revista de Linguagem, Cultura e Discurso
Mestrado em Letras - UNINCOR - ISSN 1807-9717
V. 9, N. 1 (janeiro-julho de 2018)

O DISCURSO NAS MISSIVAS DE CLARICE LISPECTOR EM ‘MINHAS QUERIDAS’

Ana Claudia Andruchiw¹
Flávia Neves Ferreira²

RESUMO: Pretende-se analisar neste artigo como se revela o discurso nas missivas de Clarice Lispector, a partir dos trechos oriundos das suas correspondências pessoais, mantida com suas irmãs, durante os anos em que viveu em Berna na Suíça. Para tanto, será utilizado como respaldo teórico as contribuições de Michel Foucault, Gilles Deleuze e Felix Guattari. Pretende-se verificar como o poder e o discurso se desdobram na linguagem expressa no conteúdo das missivas. Ao fim, pode-se concluir que o discurso nada mais é do que a expressão do mundo, a verbalização de uma realidade, a interligação da linguagem com a experiência, na qual o sujeito se encontra inserido. Clarice sozinha em seu exílio utilizou-se do poder do discurso para recorrer ao outro, dependia deste discurso, era seu modo de sobrevivência e produção de subjetividade. Ao corresponder com suas irmãs, ela ressignificava seu próprio mundo, e é justamente sob esta base, que se pode considerar a linguagem como uma prática, tendo em vista que ela pratica uma significação e ressignificação de mundo que está sempre em descontinuidades, constantemente transformando-se.

PALAVRAS-CHAVE: Clarice Lispector; missivas; discurso.

ABSTRACT: The aim's article is to analyze how Clarice Lispector's speech is revealed in the passages from her personal correspondence, maintained with her sisters during the years that she lived in Bern, Switzerland. For this, will be used the theoretical support from contributions of Michel Foucault, Gilles Deleuze and Felix Guattari. It is intended to verify how power and discourse unfold in the language expressed in the content of missives. At the end, it can be concluded that discourse is the expression of the world, the verbalization of a reality, the interconnection of language with experience, where the subject is inserted. Clarice was alone in her exile and she used the power of discourse to appeal to the other, depended on this discourse, was her way of surviving and producing subjectivity. In correspondence with her sisters, she reaffirms her own world and it is on this basis that language can be considered as a practice, since it practices a meaning and resignification of the world that is always in discontinuities, constantly changing.

KEYWORDS: Clarice Lispector; missives; speech.

Introdução

O presente trabalho tem por objetivo analisar como se revela o discurso nas missivas de Clarice Lispector nos excertos das suas correspondências pessoais mantida com suas irmãs durante os anos em que viveu em Berna na Suíça. A proposta deste trabalho partirá de investigações das cartas organizadas no livro *Minhas Queridas* (2007), compiladas pela biógrafa Tereza Montero; de maneira mais específica, a escolha para a análise das missivas

¹ Mestranda no Programa de Pós Graduação em Linguagem, Identidade e Subjetividade na Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG, anac.andruchiw@hotmail.com

² Mestranda no Programa de Pós Graduação em Filosofia na Pontifícia Universidade Católica do Paraná - PUC-PR, flavia_neves002@hotmail.com

compreenderá os anos de 1946 a 1949.

O teor das correspondências, de modo geral, portava indagações do estado da família, abarcando as preocupações com a saúde, desde o controle de peso ao lazer de “seus queridos”; havia também relatos minuciosos dos lugares que visitava, das leituras que fazia, das peças que assistia, músicas que conhecia e da descrição dos filmes em suas inúmeras idas ao cinema. No entanto, o assunto que permeava quase todas as correspondências eram as constantes queixas da escritora pela quebra na comunicação com a família; esse atraso nas respostas das missivas não só enfrentava as dificuldades normais que caracterizava a troca de cartas para a época, havia também certa morosidade na escrita das respostas pelas irmãs, e além de tudo, devido ao período de guerra, o envio de correspondências enfrentava maiores complicações, ocasionando por vezes maior atraso e extravio das entregas, intensificando ainda mais a ansiedade da escritora por respostas no exterior. Por consequência, o descontentamento nas esperas, as insistentes súplicas por ser correspondida e os incessantes lamentos apelativos tomavam uma dimensão quase dramática na escrita das missivas.

O envio de correspondências não só apresentava as dificuldades normais que caracterizava a troca de cartas para a época, mas devido ao período de guerra, enfrentava maiores complicações ainda, ocasionando por vezes mais atrasos e extravio das entregas. Havia também certa morosidade na escrita das respostas pelas irmãs, intensificando ainda mais a ansiedade da escritora por respostas no exterior. Por consequência, o descontentamento de Clarice nas esperas, as insistentes súplicas por ser correspondida e os incessantes lamentos apelativos tomavam uma dimensão quase dramática na escrita das missivas.

Posto isto, a análise dos excertos terá como respaldo os pressupostos teóricos de Michel Foucault, Gilles Deleuze e Félix Guattari. Pretende-se focalizar, mais especificamente, nas ideias centrais destes pensadores acerca do poder e do discurso, e assim, verificar como estas categorias se desdobram na linguagem expressa no conteúdo das missivas.

Discurso e Poder em Michel Foucault e Gilles Deleuze

Michel Foucault é considerado um dos maiores pensadores da contemporaneidade. Alguns autores dividem o pensamento deste autor em períodos: Arqueológico (onde analisa as práticas discursivas), Genealógico (pesquisa a história numa perspectiva não linear) e Ético (no qual se dedica mais ao subjetivo e rediscute a ética como desvinculada da moral). O próprio Foucault, no entanto, coloca controvérsias nesta divisão, visto que a genealogia foi o

projeto geral de sua obra, na qual a arqueologia e a ética fazem parte do projeto genealógico mais amplo.

Num primeiro momento – na arqueologia do saber – Foucault se dedica aos discursos sobre a loucura, a sexualidade, a medicina, que estabelecem certo tipo de ordem ou norma na inserção social. Nestas instituições pairam diversos tipos de saberes que classificam e objetificam os sujeitos. Os campos de saber – sejam da medicina, escola, prisões – constroem determinados saberes sobre os próprios sujeitos, e ainda, estabelecem determinados regimes ou discursos de verdade. Nesse sentido, Foucault mostra que o discurso produz “efeitos de verdade”, que por sua vez, está permeado pelos efeitos de poder que percorrem toda e qualquer relação.

Sob a influência do pensamento nietzschiano, Foucault desenvolve uma ideia acerca da verdade que refuta a noção de verdade universal e a toma como uma construção histórica. Assim, a verdade é aquilo que as pessoas impõem em uma determinada relação de poder e em um determinado momento histórico. Sob esta base, a verdade é um efeito de relações de poder. O que Foucault se propõe a conhecer são os jogos de verdade em que esta é produzida. Sendo assim, as verdades brotam das práticas sociais que passam por descontinuidades ao longo da história. Em suma, o que se pode constatar é que Foucault dedica-se a tríade verdade- saber- poder, que atravessa os sujeitos por meio das práticas discursivas e não-discursivas e lhes institui uma identidade para um dado momento histórico.

Cabe enfatizar que o poder não está para Foucault a nível representacional, no nível de dominante- dominado, mas ele pensa o poder como um sistema de relações que são irreduzíveis. Ademais, o poder não tem um caráter unidirecional, pelo contrário, no poder há uma “multiplicidade de correlações de força imanentes ao domínio onde se exercem e constitutivas de sua organização” (FOUCAULT, 2003). Tais correlações se formam e agem nas diversas esferas sociais que atravessa toda a sociedade.

O poder é essencialmente relações, isto é, o que faz com que os indivíduos, os seres humanos estejam em relação uns com os outros [...] mas igualmente sob a forma que lhes permite agir uns sobre os outros e, se preferir, dando um sentido muito amplo a esta palavra, de “governar” uns os outros [...] opera sobre o campo de possibilidade onde se inscreve o comportamento dos sujeitos ativos; ele incita, induz, desvia, facilita ou torna mais difícil, amplia ou limita, torna mais ou menos provável; no limite, ele coage ou impede absolutamente, mas é sempre uma maneira de agir sobre um ou vários sujeitos ativos, e o quanto eles agem ou são suscetíveis de agir. Uma ação sobre ações (FOUCAULT, 1995, p.243).

Em relação à produção de discurso nos sujeitos Foucault analisa, mais especificamente, na aula inaugural do *Collège de France* denominada *Ordem do Discurso*. Segundo o filósofo, o discurso não se encontra no sujeito ou no enunciado, mas nas formulações ou práticas discursivas. Nesse sentido, o discurso é um processo de interação comunicacional que se realizam na prática em determinado contexto sócio histórico.

O discurso é um conjunto de regras anônimas, históricas sempre determinadas no tempo espaço, que definiram em uma dada época, e para uma área social, econômica, geográfica, ou linguística dada, as condições de exercício da função enunciativa. (FOUCAULT, 1969, p. 43).

Nessa direção, Foucault sugere que o sujeito é constituído por meio de uma rede de discursos de saber e de relações de poder. O interesse de Foucault é, portanto, analisar como determinados discursos se configuram em meio as relações de poder e como eles emanam para a produção de subjetividades.

Na esteira do pensamento francês, os filósofos Gilles Deleuze e Felix Guattari também discorrem, dentre outras temáticas, do discurso e do poder. Todavia, o discurso para estes pensadores está ao mesmo tempo em fluxo contínuo e em contínua intersecção de outras linhas discursivas. Em suma, o discurso consiste no movimento constitutivo da linguagem.

Segundo Deleuze (2003, p. 11), a linguagem também pode exercer um poder:

A linguagem exerce poder e autoridade [...] A linguagem não é feita para que se acredite nela, mas para obedecer e fazer obedecer. A linguagem não é a vida, ela da ordem à vida, a vida não fala, ela escuta e guarda.

Desse modo, Deleuze e Guattari (1995) definem a linguagem como um conjunto de palavras de ordem que se qualificam como tais, devido sua função elementar de realizar comandos. Assim, para fazer função-linguagem toda palavra de ordem apresenta uma relação imanente entre uma palavra ou um enunciado qualquer, por meio de atos de fala, que por sua vez, têm a característica de serem incorpóreos.

Discurso e poder nas missivas de Clarice Lispector

No decorrer da leitura de *Minhas Queridas*, faz-se possível analisar a intenção comunicativa que determina quase que completamente o discurso de Clarice ao longo do estudo das 120 cartas que remete as irmãs. Nota-se a vulnerabilidade frente aos sentimentos da (in) adaptação e a impotência diante do sentimento de “não pertencimento”. Berna foi para

ela o ápice do sofrimento e com o passar do tempo a escritora expunha repetidas queixas das dificuldades em manter-se equilibrada e saudável:

Ando em nova onda de apatia, o que é coisa velha... Chego a pensar que nem a volta para o Brasil me dará um jeito. Mas sonho com ela. Em agosto teremos talvez anos de exterior. Não são cinco dias. Cinco anos de não saber o que fazer, cinco anos durante os quais, dia a dia, me perguntei como perguntava a vocês: que é que eu faço? Para vocês terem uma ideia do que tem sido minha vida durante esses anos: para mim todos os dias são domingo. [...] Berna é um túmulo, mesmo para os suíços. E um brasileiro não é nada na Europa. A expressão mesmo é: estar esmagada. [...] O pior é que estou ficando tão embotada: às vezes nem entendo o que leio. Acho que a culpa é da excessiva solidão, e dessa longa tarde de domingo que dura anos. (LISPECTOR, 2007, p.105)

Eu mesma não acredito como tive força de resistir 3 anos em Berna. Só voltarei um dia a Berna se Pedrinho quiser ver o lugar onde nasceu. Minhas queridas, que bom que está perto a viagem! Nem tenho forças para me alegrar, estou toda roída por dentro, com várias peças de menos... (LISPECTOR, 2007, p. 110)

Clarice tece o seu discurso em tom apelativo, quase dramático, suplicando, implorando a frequência do contato mais íntimo com as irmãs através das correspondências. As cartas para ela funcionavam como presença física dos seus “queridos” que a reanimavam e a fortaleciam; remetendo-nos ao pensamento de Foucault segundo qual afirma que:

A carta torna o escritor "presente" para aquele a quem ele a envia. E presente não simplesmente pelas informações que ele lhe dá sobre sua vida, suas atividades, seus sucessos e fracassos, suas venturas e desventuras; presente com uma espécie de presença imediata e quase física (FOUCAULT, 1983, p. 156).

Em vários trechos das cartas é possível entender esse sentimento da presença imediata do outro, talvez na intenção de suprir fisicamente a ausência do outro. Dessa forma, considerando o contato “virtualmente físico” através das cartas como elemento crucial de sobrevivência, é possível compreender em seu discurso um tom de luta para se manter viva e equilibrada; assim, com certa firmeza, utiliza da persuasão para ser correspondida:

Meu Deus, mas quando é que finalmente convencerei vocês de que quero, preciso, imploro, notícias. Isso é modo de deixar uma pessoa? Sem saber de nada e imaginando, e quebrando a cabeça para adivinhar, para me pôr em contacto com vocês por intermédio da cabeça, já que escrever não adianta? Não basta o que sofro com a ausência? [...] Que impotência a minha. (LISPECTOR, 2007, p.77)

Nas entrelinhas de seu discurso é possível encontrar semelhança ao que Foucault

defende, de que: “O discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder pelo qual nos queremos apoderar.” (1969, p. 10). Para Foucault o discurso possui uma força, ele simboliza o poder no qual é sempre articulado de acordo com algum interesse, na imposição de uma verdade ou o “reflexo de uma verdade”. O sujeito, muitas vezes, utiliza do discurso para representar um interesse, suplantar verdades, servir de dominação.

Se o discurso verdadeiro não é mais, com efeito, desde os gregos, aquele que exerce o poder, na vontade de verdade, na vontade de dizer esse discurso verdadeiro, o que esta em jogo, senão o desejo do poder? O discurso verdadeiro, a que a necessidade de sua forma liberta do desejo e libera do poder, não pode reconhecer a vontade de verdade, essa que se impõe a nós há bastante tempo, é tal que a verdadeira que ela quer não pode deixar de mascarar-la (FOUCAULT, 1969, p. 20).

Entende-se o discurso como um enunciado que abrange todo o processo comunicativo - “Um enunciado pertence a uma formação discursiva, como uma frase pertence a um texto. [...] Pode-se então agora, dar sentido a definição do “discurso”” (FOUCAULT, 1969, p.35). Nessa direção, ao desdobrar um pouco a lógica da análise de Foucault pode-se compreender o discurso não só como meio de controle e manutenção do poder dos sistemas de exclusão, mas compreendê-lo também através da perspectiva da manutenção de uma verdade.

O discurso nada mais é do que a reverberação de uma verdade nascendo diante de seus próprios olhos; e quando tudo pode enfim, tomar a forma do discurso, quando tudo pode ser dito a propósito de tudo [...] (FOUCAULT, 1969, p.30).

A análise da correspondência pessoal de Clarice Lispector às suas irmãs permite verificar, entre outras características, o tom apelativo em que conduzia seus discursos, como estratégia que utilizava evidenciando sua versão de verdade em prol da sobrevivência no exterior. A produção discursiva, sob a perspectiva foucaultiana, é realizada obedecendo aos interesses das instâncias e das relações de poder que a produz.

Assim, no propósito de preservação física e intelectual, Clarice recorre para as cartas como meio de preservação e incansavelmente utiliza nelas a força do discurso para convencer as irmãs da importância na frequência das correspondências, mesclando o discurso com argumentos ora sutis e poéticos; ora pungentes e coléricos:

Minhas saudades têm estado agudas mas dentro de uma névoa - como uma sirene de noite no mar[...]. Mas abrindo a caixa de correio e vendo sua letra -

de repente meu coração começou a bater de alegria e eu ouvi a sirene de perto, desfeitas as névoas, sirene de manhã. Fui lendo na rua mesmo, e todo carinho que você me fazia eu bebia rápido-rápido, porque já há muito tempo você não regava esta planta suíça (LISPECTOR, 2007, p. 95).

Preparei, num momento de febre e raiva, uma carta para vocês que felizmente não mandei. Eu avisava que só escreveria muito raramente, que estava cansada de ser o cachorrinho da família. Que durante 4 anos implorou uma notícia para recebê-la apenas depois de 5 ou 6 cartas vazias de vocês (LISPECTOR, 2007, p. 98).

Tania, queridinha, Tanta demora em responder suas duas últimas cartas - escrevi no mínimo umas 3 e rasguei-as porque pretendo “rasgar” também todo e qualquer sentimentalismo e deixar os outros em paz... Tentarei, por todos os meios - e que Deus me ajude nisso porque preciso - tentarei por todos os meios exigir menos amor e atenção dos outros, e também exigir menos que as pessoas se deixem amar... Mas é melhor deixar de mais considerações senão também esta carta será rasgada...(LISPECTOR, 2007, p. 101).

Meu amor, minha amiga única [...] Oh querida, meu modo de dizer como te adoro já gastou as palavras até. Seja feliz, seja feliz, seja feliz! Tenho vontade de pedir perdão por estar longe. Para mim não existem nunca lugares, existem pessoas. E acima de todas as pessoas do mundo está você, que eu não comparo com ninguém. Aonde você estiver, é aí que eu me sentirei feliz. Seja alegre, me esqueça, ou melhor, não me esqueça. Que vontade de abandonar tudo isso que não vale nada para mim e ir para o Brasil [...] (LISPECTOR, 2007, p.109).

Percebe-se no estudo das missivas um sujeito afetado pelas dores do exílio, atormentado pela solidão e isolamento, utilizando-se da força do discurso convencer as irmãs da importância nas frequências das correspondências; e de maneira sutil, atua com argumentos coercivos:

Espero que vocês estejam recebendo minhas cartas. Mas se eu nada receber de vocês, paro de escrever. É mentira, escreverei sempre. (LISPECTOR, 2007, p. 23)

De minha prisão em Berna, mando-lhes minhas lembranças comovidas... Estou brincando, naturalmente. Sei que estão muito ocupadas. Escrevam, por favor, por favor, por favor, por favor. (LISPECTOR, 2007, p.77)

Vocês nunca experimentaram o que é receber cartas quando se está fora, sobretudo fora como eu, inteiramente fora: pergunta-se sem esperança mas cheia de esperança e quase certeza: há cartas para mim? (LISPECTOR, 2007, p. 59)

Toda esta carta só tem um fim: pedir notícias. Quero saber porque é que Elisa não me escreve? (LISPECTOR, 2007, p. 79)

A culpa então é sua, quanto à raridade com que recebo. Ou talvez eu esteja

exagerando: porque espero carta diariamente...
Minhas queridas, me despeço quase correndo... para esta carta chegar logo e eu receber logo a resposta. (LISPECTOR, 2007, p. 75)

O que é que há? Por favor, por favor, por favor, escrevam. [...] Mas me deem notícias e tudo estará bem. (LISPECTOR, 2007, p. 80)

A dramatização do discurso também faz parte do poder de coerção para a reciprocidade das correspondências, ela permite que o outro perceba que possui um lugar dentro de si mesmo, assim como explica Foucault (1983, p. 157):

Pela missiva, nos abrimos para o olhar dos outros e alojamos o correspondente no lugar do deus interior. Ela é uma maneira de nos oferecermos a esse olhar a respeito do qual devemos nos dizer que ele está, no momento em que pensamos, mergulhando no fundo do nosso coração (*inpectus intimum introspicere*).

As formações discursivas estão em constante processo de formação e transformação que perpassam um acontecimento histórico e configuram-se por uma descontinuidade. As correspondências de Clarice produzem certo tipo de discurso que enviesa uma relação histórica em uma determinada condição – no seu caso o exílio – de produção.

Deleuze tomando como inspiração a leitura foucaultiana de *Arqueologia do Saber* e a de *Vigiar e Punir* instaura uma nova compreensão do caráter da enunciação com uma nova teoria do poder enquanto campo de imanência. Não é a produção do discurso que interessa Deleuze, mas, sobretudo, a questão da natureza das relações de forças enquanto exercício de estratégias internas às formações de meio e da sua maneira de agir sobre os corpos.

Como vimos anteriormente, segundo Foucault, o discurso é a expressão de uma realidade, ademais, as formulações discursivas estão imbricadas nas relações de poder. Ao passo que para Deleuze e Guattari (1995), a linguagem faz parte de um discurso indireto e de agenciamentos, que se resumem em palavra de ordem constitutiva à linguagem. Estes três autores acreditam no poder da linguagem, no entanto, estes últimos veem como um poder imanente capaz de realizar transformações incorpóreas tanto no interior de um discurso quanto por detrás dele. Não se pretende aqui, pormenorizar as ideias de Deleuze e Guattari sobre a linguagem e o discurso, no entanto, pode-se fazer uma breve analogia entre o pensamento de Deleuze e Guattari com as correspondências de Clarice.

Sob este último aspecto, pode-se afirmar que as missivas denotam uma descontinuidade, um incessante fluxo irregular de ir e vir, rompimentos e continuações de pensamentos, conexões e desconexões de ideias, avanços e retrocessos na movimentação de

querer alcançar o outro. Desse modo, elas se assemelham a mapas, de acordo com Deleuze e Guattari (1977, p.45), “as cartas são um rizoma, uma rede, um vampirismo propriamente epistolar.” As correspondências portando este aspecto rizomático ilustram a dependência da escritora nas cartas como se através desse fluxo corresse a ligação sanguínea com as irmãs, e consequentemente, a força física para viver/escrever.

Semelhante ao que ocorre com Kafka, que manteve intensa correspondência com Felícia e Milena. Deleuze e Guattari em *Kafka por uma literatura menor* consideram que o aspecto rizomático da escrita epistolar, mesmo sem intenção de publicação, funciona como parte da engrenagem da máquina literária. Eles ilustram que Kafka mantinha um “desejo demente de escrever e de arrancar respostas do destinatário”, revelando um modo quase doentio de comunicação: “há algo de drácula em Kafka, um drácula por cartas, e as cartas são, da mesma forma, morcegos (DELEUZE; GUATTARI, 1977, p. 45).

Por tal aspecto, pelo discurso contido nas missivas de Lispector, é possível perceber também na escritora um devir vampiro, pois também para ela o fluxo de “cartas era um fluxo sanguíneo[...] Kafka Drácula tem sua linha de fuga em seu quarto, em sua cama, e sua fonte de força longínqua naquilo que as cartas lhe trarão” (DELEUZE; GUATTARI, 1977, p.45). Do mesmo modo, Clarice tinha sua linha de fuga em Berna e encontrava sua fonte de força criadora naquilo que as cartas lhe traziam: “as cartas devem trazer-lhe sangue, e o sangue dar-lhe a força de criar” (DELEUZE; GUATTARI, 1977, p.45).

Aparentemente as cartas procuravam bem mais que o destinatário, elas procuravam a cumplicidade das irmãs para o funcionamento da máquina literária. O fluxo das missivas mantinha a máquina literária da escritora, mantinha o aconchego da conexão sanguínea com as irmãs e o asilo linguístico da terra natal. O aspecto rizomático das cartas defendia a linha de fuga no elo com sua força criadora de escrita. Clarice em Berna, assim como Kafka em seu quarto, sobrevivem na “condição que lhe deem um pouco de sangue [...]”. Esse “vampirismo epistolar” denota a dependência aguda da troca de correspondências como parte da engrenagem da máquina literária, mesmo que elas não apareçam na obra:

Quando li a carta, de novo fiquei certa, minha querida, que você é a minha ligação maior com o mundo. Tudo toma sentido e eu pareço levantar de uma doença de espírito e ficar boa [...] Tinha deixado de escrever porque exatamente estava na escuridão, como me sucede um pouco mais frequentemente do que deveria. Mas tudo está bem e sua carta veio me dizer muito mais do que você disse. Estou trabalhando melhor, o que quer dizer, estou trabalhando, porque acho que há anos não trabalho (LISPECTOR, 2007, p.81).

O excerto acima refere-se a escrita de Clarice da obra *A cidade sitiada*. Ressalta-se que dentro os lamentos da escritora, também predomina em seu discurso, o sentimento de debilidade e apatia para escrever. A referida obra, após vinte vezes copiada e refeita, bem como diversos episódios de bloqueios e tentativas de desistência, demorou três anos para ser concluída.

A escritora durante um período de 16 anos viveu fora do Brasil, como esposa do diplomata Maury Gurgel; morou na Itália, Suíça, Inglaterra e Estados Unidos; e por questões diplomáticas se deslocou para vários outros países, como: África, França, Portugal, Espanha e México. *A Cidade Sitiada* foi escrita no período de três anos em que viveu em Berna na Suíça, entre 1946 a 1949. Nesse contexto, as correspondências eram basicamente o único meio de comunicação da escritora com a família e revelam as circunstâncias peculiares da escrita do referido livro, encenando as angústias da condição exílica, mas, sobretudo o drama do fazer literário:

[...] minha vida é um esforço diário de adaptação nesses lugares áridos, áridos porque vocês não estão comigo. [...] Desde então, não tenho cabeça para mais nada, tudo que faço é um esforço, minha apatia é tão grande, passo meses sem olhar sequer meu trabalho, leio mal, faço tudo na ponta dos dedos, sem me misturar a nada. Vai fazer três anos disso, três anos diários[...]. (LISPECTOR, 2007, p. 78)

Nessa direção, Deleuze e Guattari (1977, p.48) afirmam que “não há lugar para perguntar se as cartas fazem ou não parte da obra, nem se são fontes de certos temas da obra; fazem parte integrante da máquina de escritura ou de expressão”. Nesse sentido, as cartas além de ilustrarem as relações de poder imbricados no discurso expresso por Clarice para as suas irmãs, também revela como ocorreu o processo de escrita da obra *A Cidade Sitiada*.

De modo geral, o teor das cartas carregam indagações do estado da família, abarcam preocupações de saúde ao lazer de “seus queridos”. Além disso, a análise das correspondências revela sentimentos da experiência do exílio, sofrimentos com a falta de contato com a família e dificuldades com o trabalho literário. Assim, a narrativa das cartas é permeada por desabafos como: inadaptação, isolamento, angústia e “auto-segregação”- atrelados a queixas de crises de desespero, falência e impotência no processo de escrita de seu terceiro livro.

Considerações Finais

No dinamismo dialógico com o mundo, o sujeito é constituído ao mesmo tempo em que constitui sua realidade. Desse modo, o sujeito por meio do discurso constrói uma realidade, transformando-a e sendo por ela transformado. Assim, constituir-se como sujeito do discurso incide em apropriar-se de um discurso em um determinado contexto, que terá suas especificidades em cada condição de sua produção. Nas formulações discursivas, o discurso tem uma força criadora e produtiva, tem o poder de realizar transformações incorpóreas por meio dos enunciados, portanto, são atos imanentes à linguagem.

Tendo como base tais pressupostos, os quais respaldam as ideias centrais de Foucault, Deleuze e Guattari, pode-se analisar como se revela o discurso nas missivas de Clarice Lispector, no período em que estava morando em Berna. O discurso nada mais é do que a expressão do mundo, a verbalização de uma realidade, interligação da linguagem com a experiência, na qual o sujeito se encontra inserido. Clarice sozinha em seu exílio utilizou-se do poder do discurso para recorrer ao outro, dependia deste discurso, ele era seu modo de sobrevivência e produção de subjetividade. Nessa direção, Foucault (1983, p.157) elucida “a carta que, como exercício, trabalha para a subjetivação do discurso verdadeiro, para sua assimilação e elaboração como "bem próprio", constitui também, e ao mesmo tempo, uma objetivação da alma”.

A partir da investigação das missivas particulares de Clarice Lispector, a análise aqui proposta, evidenciou o início da carreira da escritora vivida na experiência do exílio, mostrou os discursos produzidos pelas correspondências que se originam das relações de poder, mas também, pode-se verificar o contexto em que foi produzida a sua terceira obra, *A cidade sitiada*. Assim, por meio das correspondências foi possível entender as influências da condição exílica no processo literário, revelando as fragilidades enfrentadas pela escritora e as ferramentas que utilizava para salvaguardar seu meio de sobrevivência que era a escrita.

Clarice ao corresponder com suas irmãs ressignificava seu próprio mundo. É sob esta base que se pode considerar a linguagem como uma prática, tendo em vista que ela pratica uma significação e ressignificação de mundo que está sempre em descontinuidades, constantemente transformando-se.

REFERÊNCIAS

- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. *Kafka – por uma literatura menor*. Trad. Julio Castanos Guimarães. Rio de Janeiro: Imago, 1977.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Trad.

- Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.
- DELEUZE, Gilles. *Proust e os Signos*. Trad. Antônio Carlos Piquet e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense, 2003.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Trad. Laura Fraga de Almeida. São Paulo: Loyola, 1969.
- FOUCAULT, Michel. Ética, sexualidade, política. In: *Ditos e escritos* v.5. Rio de Janeiro: Forense, 1983.
- FOUCAULT, Michel. Sujeito e Poder. In: Dreyfus e Rabinow. *Michel Foucault: Uma Trajetória Filosófica*. Rio de Janeiro, Editora Forense Universitária, 1995.
- FOUCAULT, Michel. *História de Sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 2003.
- LISPECTOR, Clarice. *Minhas queridas*. Org. e introd. Teresa Montero. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

Artigo recebido em fevereiro de 2018.
Artigo aceito em abril de 2018.